

03 de janeiro de 2020

A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem



OPORTUNIDADES À VISTA

Uma onda de acordos de fusões e aquisições entre mineradoras de ouro tornou 2019 o mais animado nos últimos oito anos. E isso pode contaminar outros ramos de mineração, caso haja uma recuperação no crescimento global, dizem os sábios do setor. No Brasil, não parece ser diferente.

Neste ano, as aquisições pendentes e concluídas de ouro somam cerca de US\$ 33 bilhões até o momento, o maior valor desde 2011, de acordo com dados compilados pela agência noticiosa Bloomberg. Algumas dessas aquisições foram no Brasil, como a compra da mina de cobre e ouro Chapada, da Yamana Gold, pela Lundin Mining, por US\$ 1 bilhão; e a conclusão da aquisição da mina de ouro Tucano, pela Great Panther.

Um levantamento da Bloomberg mostra que o movimento de F&A no ramo de mineração caiu quase 30% neste ano em relação ao ano passado, ficando em US\$ 60 bilhões, ou seja, o ouro respondeu por mais da metade dos negócios.

Uma melhoria das perspectivas econômicas, com taxas de juros e inflação mais altas, pode levar produtores de outros metais a deixar a estratégia atual de reduzir a dívida e elevar o retorno dos acionistas para voltar a se concentrar no aumento da produção, de acordo com Christopher LaFemina, um renomado analista na Jefferies, em Nova York.

"Até agora, o mercado recompensou as empresas pela austeridade. Veremos uma aceleração significativa da atividade de fusões e aquisições quando o crescimento global for retomado", disse o especialista.

Goldman Sachs também está otimista. O banco acredita que o nível de investimento global continuará alto devido ao medo da recessão e que isso justifica a manutenção da perspectiva de preço do ouro em US\$ 1.600 a onça. No ano, o ouro acumula alta de 14%. Para mim é um pensamento tautológico, se o crescimento não acelerar, aumenta o temor de recessão, que é a ausência do crescimento econômico. Mas esses caras de NY devem saber o que dizem.

Nos últimos tempos, as grandes mineradoras, incluindo Rio Tinto, Vale e BHP, fizeram apenas alguns pequenos investimentos em projetos greenfield e autorizaram novos gastos em expansões nas operações existentes.

Fusões e aquisições em maior escala podem ser uma opção para a Rio Tinto no próximo ano, dizem analistas do UBS Group, em relatório deste mês, para quem o crescimento do portfólio da segunda maior mineradora do mundo é limitado.

O caso da Vale é distinto. O foco é recuperar os níveis de 2018, pré-Brumadinho, no caso de minério de ferro. Em metais básicos, o eixo se desloca para a Indonésia, uma aposta politicamente arriscada. Mas todos os projetos são velhos conhecidos, há alguns anos no portfólio da empresa, e dependem, assim como nas concorrentes, de preços melhores.

O preço do níquel, apesar da melhoria, está longe dos US\$ 20 mil a tonelada de 2014, e o preço do cobre está longe dos US\$ 7.000 a tonelada de 2017 ao início de 2018, mesmo valor registrado em 2014. Os preços, de forma geral, estão bem abaixo daqueles registrados em 2014. Com exceção do ouro, que em 2014 era de US\$ 1.000 a onça.

Em outubro, o diretor-executivo da Rio citou "oportunidades atraentes de fusões e aquisições", embora pretenda permanecer "absolutamente disciplinado". A companhia disse que sua equipe avalia oportunidades em materiais de baterias, incluindo níquel. Recentemente se disse que a Rio tentaria comprar a produtora de cobre First Quantum Minerals, o que não se confirmou.

A transcrição do Vale Day, realizado em Londres no fim de novembro, mostra que a palavra oportunidade apareceu 29 vezes. E frequentemente associada a metais de bateria.

A BHP também analisa ativos de cobre e níquel, além de petróleo, e pode considerar acordos que ofereçam recursos minerais de alta qualidade que ainda estejam no início, principalmente antes que o valor de um projeto seja precificado em bases sólidas, disse seu diretor financeiro no mês passado.

Setores como o de metais básicos têm menos oportunidades de consolidação do que metais preciosos, e a queda nos preços ainda não obrigou as empresas a buscarem uma solução às pressas.

Desde a megafusão de ouro de US\$ 10 bilhões em janeiro entre a Newmont Mining e a Goldcorp, empresas do setor, incluindo a Newcrest Mining, compraram algumas minas, enquanto a Kirkland Lake Gold e a Zijin Mining Group adquiriram rivais menores.

A Barrick Gold e um parceiro concordaram na terça-feira em um acordo de US\$ 430 milhões para vender uma participação de 90% em um projeto no Senegal para a Teranga Gold.

Essa corrida por ativos de ouro mostra que houve "um ambiente ligeiramente melhorado para finalmente se fazer transações", disse o executivo de uma grande empresa de streaming de ouro. Há uma perspectiva de mais atividades entre os produtores de ouro no próximo ano, com investidores prontos para apoiar propostas que reduzam custos indiretos e combinam ativos.

Uma possibilidade seria a atividade de fusões e aquisições entre empresas de ouro e metais básicos. Mas quem entende de finanças diz que isso não é uma boa ideia, pois as empresas de ouro têm múltiplos mais altos do que as de metais básicos e esse benefício seria diluído pela consolidação entre os setores.

Outro ponto a ser considerado é a incerteza geopolítica. Ela, por si só, se traduz em maior demanda de ouro, disse o Goldman, acrescentando que 2019 provavelmente será um ano recorde para as compras por bancos centrais, que podem chegar a 750 toneladas. Com ou sem recessão, parece que 2020 será um ano de ouro.

Fonte: Notícias de Mineração

Data:16/12/2020



COM MAIOR OTIMISMO, COMMODITIES ESTÃO NO MAIOR NÍVEL DESDE 2018

Com 2020 já no horizonte, as commodities estão no maior nível em mais de um ano. Do petróleo ao cobre, várias matérias-primas registram ganhos anuais.

O índice Bloomberg Commodity Spot subiu para o nível mais alto desde novembro de 2018, impulsionado pelo alívio das tensões comerciais, maior apetite por risco e menor força do dólar. O indicador acumula alta de 11% em 2019, a caminho do melhor desempenho anual desde 2016. As commodities se beneficiam de um rali de fim de ano, pois as perspectivas para 2020 parecem, pelo menos no momento, ser mais promissoras do que as condições que prevaleceram durante grande parte deste ano. O acordo EUA-China de primeira fase - que deve ser formalmente concluído no próximo mês - depende de o país asiático aumentar as compras de produtos agrícolas. Além disso, as perspectivas de um acordo ajudaram a estimular usuários de matérias-primas a reabastecer os estoques, segundo o Oversea-Chinese Banking. "O otimismo renovado do acordo comercial EUA-China eleva as expectativas de demanda", disse Howie Lee, economista do banco com sede em Cingapura.

"As reservas estão baixas na entrada de 2020 e, com a expectativa de recuperação da demanda, muitos no setor estão com pouco estoque." As matérias-primas também aproveitam a fraqueza do dólar: o índice Bloomberg Dollar Spot mostra baixa de 1,5% este mês e agora está no nível mais baixo desde julho. Após três cortes dos juros neste ano, o Federal Reserve dos EUA deverá manter as taxas estáveis ao longo de 2020. As preocupações de investidores sobre a possibilidade do início de uma recessão nos EUA - o que prejudicou as commodities no início deste ano - diminuíram. Este mês, o gestor de títulos Jeffrey Gundlach disse que as chances de uma recessão até o fim do próximo ano caíram para 35%. Em setembro, ele havia previsto uma chance de 75%. As perspectivas na China, o principal consumidor de matérias-primas, também são mais positivas. Os dados econômicos do país asiático melhoraram em dezembro pela primeira vez em oito meses, de acordo com indicadores preliminares disponíveis compilados pela Bloomberg. Várias

commodities registram ganhos. O petróleo negociado em Nova York subiu para o nível mais alto desde setembro. As cotações acumulam alta de 36% este ano com a pressão de produtores da Opep+ para limitar a oferta. Nos metais básicos, o cobre ultrapassou US\$ 6.000 a tonelada com a queda dos estoques globais diante da melhora das perspectivas macroeconômicas. O trigo é negociado no maior nível desde 2018, enquanto a soja registra o maior avanço mensal desde 2016. Metais preciosos também acumulam ganhos, incluindo o tradicional ouro, que sobe em dezembro mesmo com o apetite por risco e valorização recorde dos mercados acionários. O ouro acumula alta de 3,4% este mês, negociado a US\$ 1.513 a onça. --Com a colaboração de Krystal Chia.

Fonte: UOL

Autora: Daniela Milanese

Data: 30/12/2019



PROJETO DE OURO DA BELO SUN NO PARÁ COMPLETA SETE ANOS ESPERANDO LICENÇA

Impasse sobre competência para liberar exploração da companhia canadense surgiu no primeiro semestre de 2013

Empreendimento bilionário para a exploração de ouro a céu aberto no município de Senador José Porfírio (PA), na região do Xingu, o projeto Volta Grande passou mais um ano - já são quase sete - sem conseguir superar os entraves judiciais para o início das obras.

Ao longo de 2019, a mineradora canadense Belo Sun, responsável pelo projeto, acumulou derrotas na Justiça. Os impasses dizem respeito à competência para a concessão da Licença de Instalação (LI) - se é estadual ou federal - e ao reassentamento das famílias que vivem sob a área de influência do empreendimento.

Atualmente, está suspensa a licença concedida em 2017 pela Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas) do Pará. Em novembro, o Tribunal de Justiça do Pará (TJ-PA) decidiu que só vai liberá-la quando a mineradora comprovar que todos os integrantes das populações tradicionais, que serão afetados pela obra, foram realocados, o que ainda não ocorreu.

Antes, em julho, o Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF-1), em Brasília, impôs outra condicionante: a apresentação de um Estudo de Componente Indígena (ECI) condizente com as diretrizes da Fundação Nacional do Índio (Funai) - medida que também está pendente.

A Belo Sun chegou a elaborar um ECI em 2016, que acabou reprovado pela Funai. Na ocasião, a mineradora - que pertence ao grupo canadense Forbes & Manhattan, um banco de capital privado que desenvolve projetos internacionais de mineração - disse que, para complementar o estudo, iria visitar terras indígenas e realizar entrevistas com representantes das comunidades.

Há cerca de dois anos, os indígenas de Volta Grande do Xingu, região que já sofre os impactos da construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, elaboraram um protocolo de consulta - documento no qual alertam sobre os riscos que empreendimentos de tamanha envergadura representam à sua sobrevivência. "Perdemos nossa principal fonte de alimentação e renda, que era a pesca artesanal e de peixes ornamentais. Não sabemos como ficarão o rio, os bichos, a floresta e nem a gente daqui para frente", escreveram.

A mineradora diz que está “reelaborando” o ECI, desta vez seguindo as regras da Funai. “Superada esta fase, o projeto Volta Grande retomará seu caminho visando o desenvolvimento local e o fortalecimento do território.”

Ao longo dos últimos anos, o ambicioso projeto entrou na mira do Ministério Público Federal (MPF) do Pará, que viu inconsistências nos relatórios de impacto ambiental formulados pela Belo Sun. Além disso, os procuradores têm insistido na Justiça para que a emissão da LI seja uma atribuição federal, a cargo do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), e não estadual.

A celeuma judicial atrasou os planos da subsidiária da canadense Belo Sun Mining Corp, que calculava obter a licença no primeiro semestre de 2013 e começar a exploração efetiva do ouro a partir do primeiro trimestre de 2015. A empresa estima que a lavra do ouro nas margens do rio Xingu avance por até 20 anos, com previsão de que, na metade deste tempo, sejam reviradas 37,8 milhões de toneladas de minério tratado.

Neste momento, está válida a decisão judicial segundo a qual a competência para o processo de licenciamento de Volta Grande é da Semas, e não do Ibama - contudo, esse ainda é um entendimento provisório. Procuradores que atuam no processo estimavam que o TRF-1 proferisse ainda neste ano uma decisão definitiva sobre esse conflito, mas isso não ocorreu. Procurado para informar se haveria previsão de julgamento em 2020, o tribunal informou que não poderia responder, pois está em período de recesso.

Fonte: Valor Econômico

Autora: Luísa Martins

Data: 26/12/2019



APPIAN BRAZIL FECHA ACORDO PARA OPERAÇÃO DO PROJETO DE COBRE SERROTE, EM ALAGOAS

A Mineração Vale Verde (MVV), empresa do grupo Appian Brazil, anunciou, na segunda-feira (25), a assinatura de um acordo com a Fagundes Construção e Mineração S.A., uma das líderes no setor de serviços de operação de mina. Segundo a mineradora, trata-se do maior contrato do Projeto Serrote, localizado no Agreste alagoano.

O acordo de cinco anos, previsto para se iniciar em dezembro deste ano, abrange, segundo a Appian Brazil, a construção da barragem de rejeitos e dos acessos; a preparação das pilhas de minério e estéril; e a operação do projeto pelo período de quatro anos, incluindo a retirada do material para a liberação das frentes de minério para a lavra.

"Esse investimento é uma demonstração de que acreditamos na robustez e qualidade desse ativo. O modo pelo qual estamos presentes em Alagoas demonstra como queremos crescer na indústria da mineração: com desenvolvimento sustentável desde a concepção do projeto até nossa relação com as comunidades, adotando abordagens inovadoras e deixando um legado que respeite o território com uma operação responsável e extremamente segura", afirma o diretor-executivo da Appian Brazil, Paulo Castellari.

Com capacidade anual de 4,1 milhões de toneladas de alimentação de minério na planta, o investimento previsto no projeto é superior a R\$ 700 milhões e a expectativa de início da operação é em meados de 2021, conforme informações da Appian.

As obras, de acordo com a companhia, avançam a todo vapor com os trabalhos de terraplenagem e da adutora. Em janeiro, começam as obras civis, a construção da barragem e a abertura da mina.

O projeto Serrote conta com uma mina a céu aberto e reservas publicadas de 85,5 milhões de toneladas de minério de cobre sulfetado. O Projeto possui Licença de Instalação (LI) para implantação do empreendimento, prorrogada em outubro por mais dois anos.

A Appian informou ainda que, atualmente, cerca de 600 trabalhadores atuam no empreendimento. Durante o pico das obras, em 2020, a previsão é de geração de 1,2 mil empregos diretos e indiretos, com 70% de trabalhadores da região, conforme diretrizes da empresa. Desses, serão 300 novos postos de trabalho diretos.

Em outubro deste ano, 68% dos funcionários do Projeto Serrote eram de Alagoas, sendo 53% dos municípios de Arapiraca e Craíbas.

Appian Brazil

Desde 2018, 100% do capital da MVV pertence a um fundo de investimentos, administrado pela Appian Capital Advisory LLP, com foco em mineração.

O fundo também possui um ativo no Brasil no município de Ipiáú (BA), denominado Atlantic Nickel, cujo foco é a produção de concentrado de níquel sulfetado, com capacidade nominal de 120 mil toneladas/ano, que tem seu primeiro embarque previsto para o primeiro trimestre de 2020.

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 29/12/2019



NÍQUEL

GK Resources assumirá Morro Sem Boné

A GK Resources Ltd. assinou carta de intenções para a aquisição da Guaporé Mineração Ltda, Mineração Tanagra e Anglo American Níquel Brasil e os direitos ao saldo devedor dos empréstimos existentes devidos pela Guaporé à Anglo American, atualmente em aproximadamente, US\$ 125.000, além de todos os direitos e obrigações relacionados à transação.

Atualmente, a Guaporé possui dois depósitos de laterita de níquel no Brasil, o Morro sem Boné (MSB) e o Morro do Leme (MDL) e uma propriedade de 7.413 hectares no depósito do MSB, o Projeto Norwest Nickel. A GK pagará US\$ 13 milhões pela Guaporé, sendo US\$ 1 milhão na assinatura do Contrato de Compra e dos documentos auxiliares da transação; US\$ 4 milhões na obtenção da Licença de Instalação para qualquer dos Direitos Minerais da Agência Ambiental do Estado de Mato Grosso (SEMA); obtenção de uma licença de mineração provisória ("Guia de Utilização") para qualquer um dos Direitos Minerais, que serão divididos em duas parcelas, nos anos de 2024 e 2026. Os US\$ 8 milhões restantes serão pagos seis meses após a primeira venda, uso ou descarte de produtos derivados dos Direitos Minerais.

Além dos pagamentos, a GK entrará ou fará com que a Guaporé entre, conforme o caso, em um contrato de pagamento da NSR com os Vendedores, de acordo com os seguintes termos: a GK pagará o equivalente a 1% do retorno líquido da fundição em todos os produtos derivados dos Direitos Minerais vendidos, usados ou descartados pela Guaporé ou qualquer afiliada ou subsidiária; Se o Projeto Norwest Nickel não estiver em produção até 31 de dezembro de 2025, a GK pagará aos Vendedores uma quantia

anual de US\$ 100.000, entre 1º de janeiro de 2026 e 1º de janeiro de 2030, inclusive, e uma quantia anual de US\$ 200.000 a partir de 1º de janeiro de 2031, cada um dos quais será capitalizado e deduzido do Pagamento NSR.

Ian McDonald, Presidente e CEO da GK, declarou: "Estamos muito satisfeitos por poder anunciar esta transação transformadora para a GK e seus acionistas. A aquisição é convincente e estabelece a GK como uma importante produtora de níquel desde o início. A transação é oportuna porque o níquel vem ganhando força em resposta à fundamentos favoráveis do mercado. Nosso objetivo imediato é levar as informações técnicas aos padrões compatíveis com o National Instrument 43-101 e preparar uma avaliação econômica preliminar com nossa própria visão da estratégia de desenvolvimento de projetos, tamanho e cronograma".

A GK anunciou também Wagner Lourenço como Diretor de Operações (COO) da companhia. O executivo tem mais de 25 anos de experiência na área de mineração e metalurgia de metais comuns, principalmente na produção de níquel. "Estou muito feliz e motivado por me juntar à GK Resources para o desenvolvimento do Projeto Norwest Nickel. Acredito que temos o potencial de desenvolver um projeto superior de níquel, pois agora dedicaremos nossos esforços para avançar rapidamente em nossos próprios estudos econômicos otimizados", disse Lourenço. "Eu acredito que o Norwest Nickel Project tem todos os atributos para construir uma história de sucesso em benefício de todas as partes interessadas da GK".

Fonte: Brasil Mineral

Data: 18/12/2019



ERO COPPER ANUNCIA SONDAGEM COM AUMENTO DE RECURSOS EM OPERAÇÃO DE OURO NO MT

A Ero Copper anunciou, na quinta-feira (19), uma atualização do National Instrument (NI 43-101) do projeto de ouro NX Gold, no Mato Grosso, mostrando aumento de recursos indicados, inferidos e nas reservas prováveis do projeto de ouro NX Gold, no Mato Grosso. A empresa relatou ainda a descoberta da veia de Santo Antônio na mina.

Por meio de comunicado, a companhia relatou crescimento de 416% nos recursos minerais indicados, inclusive reservas minerais, para 442.600 toneladas contendo aproximadamente 174.700 onças de ouro (aumento de 296% em ouro contido) em comparação com os recursos minerais indicados no Relatório Técnico de 2018.

Já nos recursos inferidos, o aumento foi de mais de 1.000%, para 470.200 toneladas contendo aproximadamente 141.700 onças de ouro (458% de aumento em ouro contido) em comparação com os recursos minerais inferidos estabelecidos no relatório de 2018.

Além disso, de acordo com a Ero Copper, a sondagem no projeto apontou ainda aumento de 476% nas reservas minerais prováveis em relação a atualização de 2018, para 378.900 toneladas contendo aproximadamente 138.200 onças de ouro (aumento de 448% em ouro contido).

Segundo a empresa, com o aumento "significativo" nas reservas e recursos minerais, foi feito também um plano atualizado da vida útil da mina (LOM, do original Life of Mine), que mostra uma produção média anual de aproximadamente 40.500 onças de ouro nos próximos três anos, com uma média anual de 11,63 g/t de ouro, resultando em custos médios em C1 de aproximadamente US\$ 479 por onça de ouro produzido nos próximos três anos.

O presidente e diretor-executivo da companhia, David Strang, comemorou a atualização e salientou que a mina NX Gold, no início do ano, era "garantir uma extensão inicial da vida útil da mina de três a cinco anos em produção de baixo custo". "Estamos satisfeitos com o resultado desse esforço, pois agora vemos uma base sólida de produção de ouro para gerar crescimento a longo prazo", declarou.

"O fato de isso ter sido alcançado em apenas oito meses de sondagem, o que equivale ao primeiro esforço de exploração real realizado na propriedade desde 2012, explica a oportunidade que vemos na NX Gold de continuar crescendo organicamente as reservas e os recursos minerais, estendendo a vida útil da mina e, finalmente, aumentar significativamente os volumes de produção da mina", declarou o executivo.

Strang afirmou ainda que, em 2020, a companhia "continuará a expandir o sucesso da descoberta da veia de Santo Antonio, aumentando a vida útil da mina através da conversão de recursos de nossa significativa base de recursos minerais inferidos, testando novas extensões das veias de Santo Antonio, Bras e Matinha".

De acordo com a empresa, os recursos minerais foram estimados usando krigagem comum em tamanhos de bloco de 2,5m x 2,5m x 0,5m e dimensões mínimas de 1,25m x 1,25m x 1,50m. "As estimativas de recursos minerais foram preparadas de acordo com os Padrões de Definição do Instituto Canadense de Mineração, Metalurgia e Petróleo (CIM) para Recursos Minerais e Reservas Minerais", observa o comunicado.

A Ero Copper ressaltou ainda que as reservas minerais são baseadas no preço do ouro a longo prazo de US\$ 1.350 por onça. As reservas diluição operacional de 10% mais a diluição planejada de aproximadamente 10% dentro de cada escalão assumem a recuperação de mineração de 90% e a recuperação de pilar de 60%.

Fonte: Notícias de Mineração

Autor: Marcelo Portela

Data: 21/12/2019



OURO

Equinox e Leagold anunciam fusão

A Equinox Gold Corp. e a Leagold Mining Corporation firmaram acordo definitivo de fusão para criar uma das principais produtoras de ouro do mercado mundial. A nova empresa continuará como Equinox Gold e terá sede em Vancouver, Canadá. O Conselho de Administração, liderado por Ross Beaty como Presidente, terá oito membros, sendo quatro de cada empresa. A equipe de gerenciamento integrada será liderada por Neil Woodyer como CEO, Christian Milau como EVP Corporate, Attie Roux como COO e Peter Hardie como CFO. Os Conselhos das duas empresas aprovaram por unanimidade o processo de fusão.

A produção de ouro deve alcançar 700 mil onças em 2020, e aumentar para 1 milhão de onças no ano posterior. A empresa irá operar seis minas Nos Estados Unidos, México e Brasil. As sinergias operacionais e administrativas serão superiores a US\$ 10 milhões por ano, enquanto o a capitalização para o mercado pro forma ficará em US\$ 1,3 bilhão, proporcionando potencial de escala, liquidez e reavaliação.

O negócio proporcionará aos acionistas da Leagold 0,331 de uma ação Equinox Gold por cada ação da Leagold detida (a "Relação de Troca"). Isso implica na consideração de mercado de C\$ 2,70 por ação ordinária da Leagold, usando os preços de fechamento das ações ordinárias da Equinox Gold e da Leagold

na Bolsa de Valores de Toronto em 13 de dezembro de 2019. No fechamento, os acionistas existentes da Equinox Gold e Leagold possuirão aproximadamente 55% e 45% da empresa incorporada, respectivamente, com base em ações emitidas. Ross Beaty, presidente da Equinox Gold, declarou: “Essa fusão criará uma das maiores empresas de ouro do mundo operando inteiramente nas Américas. Além de possuir fortes métricas financeiras e operacionais, nossa grande escala proporcionará maior liquidez, maior diversificação de ativos e países e um menor perfil de risco para todos os acionistas. Esse é o tipo de empresa de ouro que os investidores desejam hoje e estou muito satisfeito por estarmos combinando forças para alcançá-lo”.

Frank Giustra, presidente da Leagold, disse que “A combinação da Leagold e da Equinox Gold cumprirá a promessa que fizemos aos nossos acionistas quando lançamos a Leagold há três anos: criar um grande produtor de ouro em um curto espaço de tempo, antecipando uma nova fase do mercado de ouro que começou em 2001. Vou deixar o cargo de Presidente e Diretor para me concentrar no meu trabalho filantrópico global, mas continuarei sendo um acionista entusiasmado, pois acredito que, juntos, Ross Beaty, Neil Woodyer e sua equipe administrativa continuarão a expandir a Equinox Gold e agregar valor aos nossos acionistas”.

Ross Beaty subscreverá US\$ 40 milhões em uma colocação privada de ações ordinárias da Equinox Gold a um preço de C\$ 8,15 por ação ordinária para manter uma participação de aproximadamente 9% na empresa. Além disso, a Mubadala subscreverá uma nova debênture conversível de cinco anos, no valor de US\$ 130 milhões, com participação de 4,75% e conversível em ações ordinárias da Equinox Gold a um preço fixo de US\$ 7,80 por ação, para um prêmio aproximado de 25% sobre as ações da Equinox Gold de US\$ 8,15. Para refinarçar as linhas de crédito e dívida existentes da Equinox Gold e Leagold, um sindicato de bancos formado pelo Banco da Nova Escócia, Société Générale, Bank of Montreal e o ING Capital LLC firmaram compromissos subscritos para um empréstimo de cinco anos no valor de US\$ 100 milhões e uma linha de crédito rotativo de quatro anos no valor de US\$ 400 milhões. Esses financiamentos estão sujeitos ao preenchimento de documenta o definitiva, aprova es regulatórias e outras condi es habituais de fechamento.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 18/12/2019



BIG RIVER COMEMORA RESERVA DE 729 MIL ONÇAS DE OURO NO RIO GRANDE DO NORTE

A Big River comemorou o resultado de estudo segundo o qual o projeto de ouro Borborema, no Rio Grande do Norte, possui reservas de aproximadamente 729 mil onças de ouro, com produ o média de 71 mil onças anuais e vida útil de 10,2 anos.   o que mostra o Estudo de Viabilidade Definitivo (DFS, na sigla original em inglês) de Borborema divulgado nesta quinta-feira.

Segundo a Big River, o DFS contratado por sua subsidiária Cascar Minera o e concluido "dentro do prazo" pela Wave International, revelou que Borborema projeto "fortes resultados econ micos e operacionais" com produ o de aproximadamente 88 mil onças por ano nos primeiros quatro anos, a uma média de C1 custo de US\$ 622/oz e custo total (AISC, na sigla em inglês) de US\$ 839/oz durante a vida útil (LOM, ou Life of Mine, também no original em inglês).

Diante do resultado, a companhia ressalta que o DFS "demonstra a viabilidade econ mica e robustez do projeto" com retorno de 2,4 anos com NPV 8% antes dos impostos de US\$ 218 milhões e TIR 43,6% NPV8% antes dos impostos de US\$ 203 milhões e TIR 41,8%.

Ainda de acordo com o estudo, Borborema tem previstas despesas de capital de US\$ 88 milhões, além de US\$ 11 milhões de contingência. Pelo DFS, o projeto tem Ebitda sobre LOM de US\$ 527 milhões, com média de US\$ 53,8 milhões por ano.

O projeto Borborema compreende uma única cava a céu aberto e planta de processamento de 2Mtpa, utilizando circuitos de britagem padrão e moinhos de bolas e SAG. Os resíduos serão empilhados a seco acima do solo, o que elimina a necessidade de barragem de rejeitos.

"O DFS identifica oportunidades adicionais a serem seguidas que podem reduzir ainda mais os custos e os cronogramas de construção", afirma a Big River, ressaltando que o projeto já possui as licenças necessárias que permitem o início da construção da mina. "A Licença Operacional (LO) será concedida após a confirmação de que a planta e a infraestrutura foram projetadas de acordo com as licenças", observa a companhia.

"O DFS é um marco importante e a empresa pode avançar imediatamente nas discussões sobre financiamento de projetos com a assistência de Araujo Fontes, seu consultor financeiro no Brasil", acrescenta, referindo-se à empresa brasileira contratada em setembro pela mineradora australiana para buscar financiamento para o projeto.

De acordo com a Big River, o custo estimado do capital do projeto é de US\$ 89,97 milhões, "o que se compara favoravelmente à revisão anunciada em fevereiro de 2018 de US\$ 93,4 milhões, excluindo a contingência".

"Estima-se que os custos operacionais médios de C1 ao longo dos 10 anos de vida útil da mina sejam de US\$ 642 por onça, em comparação com os US\$ 737/oz2 anteriormente estimados e um Custo de Manutenção All-In (AISC) de US\$ 839 por onça (US\$ 908)", afirma o comunicado da companhia.

Segundo o DFS, o projeto tem VPL pós-imposto de US\$ 203 milhões (com desconto de 8% ao ano) e uma TIR de 41,8%.

Fonte: Notícias de Mineração

Autor: Marcelo Portela

Data: 20/12/2019

ESTADO DE MINAS

SEMAD VÊ USO DE CAVA DE MINA EM BRUMADINHO COMO POSITIVA

Para se ter uma ideia, a cava de material rochoso poderia abrigar até 27 milhões de metros cúbicos de rejeitos, quase quatro vezes o volume estimado de rejeitos esparramados ao longo do manancial

A utilização da cava da **Mina Córrego do Feijão**, em **Brumadinho**, para reter os rejeitos de minério de ferro despejados depois do rompimento da Barragem 1 é vista com bons olhos pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad). A reportagem do **Estado de Minas** mostrou ontem com exclusividade que estudos da mineradora Vale apontam que a antiga jazida escavada nas montanhas do município seria a melhor solução para dispor os sete milhões de metros cúbicos de rejeitos dispostos no vale do Ribeirão Ferro-Carvão.

Para se ter uma ideia, a cava de material rochoso poderia abrigar até 27 milhões de metros cúbicos de rejeitos, quase quatro vezes o volume estimado de rejeitos esparramados ao longo do manancial. Todo material só é recolhido após o aval do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG), que ainda vasculha a área em busca de 13 desaparecidos dos 270 mortos pela maior tragédia com vítimas do Brasil.

Segundo a Semad, “esta atividade (disposição dos rejeitos) que consiste na utilização de uma cava de mina já desativada é considerada de potencial poluidor reduzido em relação à mineração em si, não se aplicando, uma vez que utiliza área já antropizada, critérios locacionais”.

A secretaria informa que a "Vale S.A. apresentou, em 29/11, solicitação de Licença Ambiental Simplificada, instruída com Relatório Ambiental Simplificado (LAS/RAS), nos termos da Deliberação Normativa Copam 217, de 6 de dezembro de 2017. Desse modo, é possível realizar uma análise expedita do processo, uma vez que tal ação é considerada, no bojo da recuperação ambiental das bacias do Córrego Ferro-Carvão e do Rio Paraopeba, como positiva”. Ainda segundo a Semad, a solicitação ainda não compõe um processo administrativo formal, tendo em vista haver pendência quanto à documentação obrigatória. “Não obstante, tal solicitação e o relatório ambiental simplificado foram encaminhados para análise da Superintendência de Projetos Prioritários (Suppri), com previsão de término da análise para até dois dias após a solução das pendências por parte do empreendedor, considerando-se que o RAS é estudo simplificado, ficando, portanto, na mesma média de análise de processos desta natureza em tramitação no Estado.”

Fonte: Estado de Minas

Autor: Mateus Parreiras

Data: 27/12/2019



FERRO+ MINERAÇÃO TEM MEDIDAS PARA ATENDER À COMUNIDADE DE CONGONHAS

Após o extravasamento de uma barragem em Congonhas, na região Central do Estado, na última semana, em decorrência das chuvas fortes, a prefeitura municipal, a Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa) e a Ferro+ Mineração se reuniram para discutir alternativas de abastecimento de água na região. Com o ocorrido, houve contaminação na água de abastecimento do bairro Pires.

Neste primeiro momento, ficou acordado que a Ferro + Mineração vai construir um poço artesiano e uma caixa d'água elevada para atender à comunidade e ficará responsável pela manutenção deles pelos próximos três anos. Nos próximos dias, a empresa deverá apresentar um balanço hídrico da região e um estudo sobre o projeto.

Em nota, a mineradora disse que o extravasamento do dique do Josino não tem correlação com o abastecimento de água do bairro do Pires e que a comunidade é abastecida por nascentes a céu aberto que são prejudicadas continuamente pelas chuvas que atingem a região.

“A empresa, historicamente parceira da comunidade do Pires, buscou soluções imediatas para suprir a falta de água das casas, oferecendo caminhões-pipa e melhorias nos canais de condução das águas”, comunicou.

A Ferro + disse ainda que órgãos competentes (ANM, Feam, Defesa Civil, Ministério Público, Polícia Militar de Meio Ambiente e Prefeitura de Congonhas) fiscalizaram o dique, responsável por captação de água pluvial e contenção de sedimentos, e confirmaram a integridade da estrutura, “que está operante e intacta, sem registro de rompimento”. Já a prefeitura de Congonhas, por meio da Secretaria de Meio Ambiente, esclareceu que o evento em referência ocorreu no dia 20 de dezembro de 2019, quando, por volta de 16 horas, uma chuva intensa atingiu a região, com precipitações de cerca de 120 mm em 1 hora.

Com isso, a drenagem de água da BR-040 foi direcionada para o interior do dique de contenção de sedimentos da empresa Ferro + que liberou o volume por um dispositivo chamado “extravasor” – um duto que tem a capacidade de liberar água rapidamente.

O dique tem o papel de segurar sedimentos e deixar a água excedente passar pelo vertedouro, sendo direcionada para uma galeria de transposição da BR-040. Mas, pelo excesso de volume, essa estrutura da estrada não conseguiu dar vazão, alagando assim a rodovia e contaminando por sedimentos a água de abastecimento do bairro Pires. De acordo com Secretaria, após a priorização do abastecimento da comunidade, a administração municipal vai fazer um levantamento do dano ambiental que pode ter sido causado pelo carreamento do sedimento de minério no extravasamento. O estudo deve ficar pronto em 30 dias e caso tenha alguma relação com licenciamento ambiental, o governo do Estado deverá ser acionado.

Fonte: Diário do Comércio

Autora: Mara Bianchetti

Data: 27/12/2019



BALANÇO E PERSPECTIVAS

Apesar da tragédia de Brumadinho, em Minas Gerais, no início de 2019, o setor mineral brasileiro, no geral, teve um bom desempenho nesse ano. Os resultados positivos se refletem no aumento do Valor da Produção Mineral Brasileira, ainda estimado, na manutenção do volume de investimentos de US\$ 27,5 milhões até 2024, na criação de 7 mil postos de trabalho diretos e nas várias ações realizadas em minas e plantas de beneficiamento. A seguir, mineradoras e entidades públicas e privadas vinculadas ao setor, fazem um balanço dos principais avanços deste ano e da perspectivas para 2020. Muitas falam, ainda, do que consideram os maiores entraves ao pleno desenvolvimento da atividade e incentivo a novos projetos e investimentos.

ANGLO AMERICAN

Após a retomada da operação do mineroduto e obtenção da licença ambiental de operação da Etapa 3 no final de 2018, o Minas-Rio voltou a operar de forma segura e consistente. “Conseguimos acelerar o processo de ramp-up, alcançando de forma sustentável, um aumento significativo na taxa de alimentação e na recuperação mássica da planta de beneficiamento. Com isso, a expectativa de produção para 2019 é de cerca de 23 Mtpa, excedendo a previsão estimada anteriormente para o ano, que era entre 18 e 20 Mtpa”, explica Aldo Souza, diretor de Saúde, Segurança e Desenvolvimento Sustentável da Anglo American.

No próximo ano, a meta é atingir níveis de produção entre 22 e 24 Mtpa e dar continuidade a iniciativas de melhoria da eficiência operacional e produtividade para atingir a capacidade nominal da planta, que é de 26,5 Mtpa.

ANGLOGOLD ASHANTI

“O ano de 2019 marca o aniversário de 185 anos da AngloGold Ashanti no Brasil, a indústria mais longeva em operação no país. É um enorme orgulho para a empresa e também para toda a mineração brasileira porque denota nossa capacidade de inovação para superar os desafios operacionais, ampliar a vida útil dos recursos naturais e continuar gerando riquezas para toda a sociedade e para os estados onde atuamos, Minas Gerais e Goiás”, diz Camilo Farace, vice-presidente da mineradora. Neste ano, a produtora de ouro investiu cerca de US\$ 120 milhões em desenvolvimento, exploração, ampliação e renovação de frota, infraestrutura das minas e inovação, para manter sua capacidade operacional. “A atividade de mineração, principalmente a de lavra subterrânea, possui uma demanda muito grande de capital intensivo. Quanto mais a mina se aprofunda, maiores são os investimentos necessários”, explica o executivo.

Para 2020, um dos grandes projetos da empresa é a ampliação do processo de disposição a seco de rejeitos, iniciado em 2009, para substituir as barragens tradicionais com benefícios como a redução do uso de água nova e o incremento de segurança às estruturas geotécnicas. Atualmente, nas unidades de Minas Gerais, como a de Cuiabá, em Sabará, cerca de 30% dos rejeitos já são depositados a seco. Em Córrego do Sítio, Santa Bárbara, esse número chega a 44% e, na Planta do Queiroz, em Nova Lima, alcança 15%. Do

ponto de vista do desenvolvimento do setor, Farace considera importante que o Brasil consiga superar alguns entraves estruturais que hoje dificultam o investimento na mineração. “Há um amplo espaço para isso. Mesmo com o grande potencial geológico que possui, o Brasil ainda é apenas o 12º maior produtor de ouro do mundo”, justifica.

APOENA

Em 2019, na área operacional da Apoena, segundo Jorge Camargo, gerente geral da mineradora, foi realizada a otimização do processo de beneficiamento, aumentando em 25% a taxa de alimentação da planta. Outras ações foram promovidas nas áreas de Segurança, Saúde, Meio Ambiente, Comunidades e Ética. Entre elas, a continuidade do programa Educação Empreendedora, em parceria com o Sebrae, envolvendo 3,2 mil alunos do Ensino Fundamental de Vila Bela da Santíssima Trindade e do Ensino Médio de escolas estaduais, em Pontes e Lacerda e Porto Esperidião (MT). Também tiveram prosseguimento os programas Jovem Aprendiz, com o curso de Assistente de Produção, e o Enxergar Além - Capacitação (EAC), para empregados da mineradora e seus dependentes.

Na área de Saúde, a empresa, juntamente com alguns fornecedores como a Express, Maxima, Dinex, VL Moretto e Nitronel, apoiou a reforma do Hospital Vale Guaporé, de Pontes e Lacerda. Em Segurança, o destaque foi o primeiro simulado de evacuação realizado por uma mineradora no estado, em 15 de maio, para a comunidade situada a jusante da Barragem EPP, da unidade Ernesto. Na área ambiental, 600 mudas foram doadas para a recuperação das margens do rio Guaporé e para um evento de educação ambiental promovido pela Rádio Conti, rede de emissoras do Mato Grosso.

Em 2020, diz Camargo, a expectativa é aumentar em 15% a produção de ouro em relação a 2019, com o início da operação da mina Ernesto neste semestre, um investimento de R\$ 350 milhões e geração de 160 empregos. Será ainda realizada a abertura da mina Nosde e continuados os estudos de viabilidade dos projetos Almas (TO) e Matupá (MT).

ARCELORMITTAL

Segundo Sebastião da Costa Filho, CEO da ArcelorMittal Mineração Brasil, os resultados de produção e vendas de minério de ferro estão sendo bastante positivos em 2019. A operação da Mina Serra Azul, voltada para o mercado interno, beneficiou-se do aumento significativo da demanda doméstica e a produção superou as expectativas. Nos três primeiros trimestres do ano foram produzidas 1,327 Mt de minério de ferro, volume maior que o planejado para o período. Já a Mina do Andrade, que abastece a usina do grupo em João Monlevade (MG), opera em linha com as metas orçadas para o ano e deve fechar 2019 com uma produção em torno de 1,5 Mt.

Em termos de segurança, os resultados no ano também foram positivos. Nenhuma das duas minas registrou acidentes com afastamento de empregados. A Mina do Andrade completou, em 2019, a marca de 27 anos sem acidentes com perda de tempo e de 73 anos sem fatalidades, o que faz dela uma referência no grupo. Em Serra Azul, completaram-se no terceiro trimestre deste ano 1.642 dias sem acidentes com perda de tempo e nunca ocorreu uma fatalidade.

Para 2020, a Mina do Andrade deve iniciar as operações do Projeto de Concentração de Itabiritos que, segundo Wagner Barbosa, diretor geral da unidade, objetiva melhorar a qualidade do sinter feed que alimenta a planta de sinterização da usina, assegurando a produção de aços nobres como o steel cord. Com investimentos de R\$ 133 milhões, o projeto foi iniciado em novembro de 2018 e aguarda a Licença de Instalação (LI) para seu start up, previsto para janeiro de 2020, com operação em plena capacidade entre abril e maio desse ano. “A nova estrutura inclui sistemas de peneiramento, britagem quaternária, concentração magnética, filtragem do concentrado e do rejeito e dará à mina uma vida útil de 16 anos, no mínimo”, diz Barbosa.

CBA

Ricardo Carvalho, diretor-presidente da CBA, lembra que a entrada de produtos importados da China no mercado de alumínio, em 2019, impactou a competitividade da indústria nacional. Apesar desse cenário, foram mantidos os investimentos em inovações tecnológicas, na melhoria dos serviços e soluções em alumínio e na qualidade dos produtos. O desempenho foi positivo em mercados estratégicos para a empresa, caso dos segmentos automotivo e de transportes, impulsionados pela performance dos setores de implementos rodoviários, ônibus urbanos e rodoviários. No segmento de embalagens, o crescimento se deu pelo aumento da demanda por embalagens flexíveis e assépticas no Brasil.

No ano, ainda, a CBA ficou entre “As 150 Melhores Empresas para Trabalhar” no Brasil, ranking da consultoria global Great Place to Work. Foi também a terceira colocada na categoria Siderurgia, Metalurgia e Mineração, da premiação “As 100+ Inovadoras no Uso de TI”, do grupo IT Mídia em parceria com a PwC, com o projeto Supply Digital, iniciado em 2018 para aperfeiçoar a conectividade da rede logística da empresa, com menor risco e maior agilidade. Além disso, foi a primeira produtora de alumínio nas Américas a obter a certificação ASI (Aluminium Stewardship Initiative), nos padrões de Performance e de Cadeia de Custódia, ao mesmo tempo. “Essa certificação atesta que temos os mais altos padrões de sustentabilidade em toda a cadeia produtiva do alumínio, gerando valor para as comunidades onde estamos presentes, fornecedores, clientes, meio ambiente e sociedade em geral”, avalia Carvalho.

Como exemplos desses padrões de sustentabilidade, o executivo cita a disposição a seco de resíduos industriais, através de filtros-prensa, em implantação na barragem Palmital, em Alumínio (SP), aumentando ainda mais a segurança da estrutura e ampliando sua vida útil, e o Green Soderberg, para a redução da emissão de flúor, particulados, consumo de água e GHG (Greenhouse Gases) nos fornos de produção do metal. “Realizamos também o Programa de Qualidade de Vida e diversas ações de segurança, a reabilitação das áreas lavradas em Minas Gerais e tivemos resultados crescentes na melhoria da educação nos municípios onde desenvolvemos o Parceria pela Valorização pela Educação (PVE)”, completa Carvalho. Para 2020, o foco são projetos de tecnologia e inovação com ganhos em sustentabilidade, performance e competitividade. Um deles é o CBA4pontozero, que aplicará cerca de R\$ 20 milhões, nos próximos anos, na modernização de linhas de produção, Inteligência Artificial (AI), Advanced Analytics, robotização e automação de processos, mobilidade operacional e integração digital na cadeia com clientes. Além da continuidade dos projetos de implantação de filtros prensa e Green Soderberg, com recursos da ordem de R\$ 300 milhões cada, terá início, no primeiro semestre, a operação de uma caldeira de biomassa na fábrica da CBA, em Alumínio, reduzindo as emissões resultantes da queima de combustível fóssil e os custos operacionais da unidade.

KINROSS

Em 2019, o diretor de operações da Kinross, Rodrigo Barsante Gomides, destaca como resultados positivos mais significativos dois recordes na área de segurança da empresa: 32 anos sem acidentes com afastamento nos laboratórios químico e de processos e 8.800 horas-homem sem acidentes com afastamento nas obras de construção de barragem. Além disso, segundo Gomides, os índices de produtividade foram satisfatórios. “Em outubro, Paracatu completou 8.824 Moz produzidas desde 1987. Foram mais de 17 recordes quebrados em 2019, destacando a produção anual, com projeção de fechamento maior que 600 mil oz fundidas. Entre os principais investimentos realizados pela mineradora está o aumento da frota de equipamentos de carregamento e transporte, com a aquisição de mais uma escavadeira elétrica Shovel 7495 e de três novos caminhões 793 D, todos da Caterpillar.

Em 2020, a expectativa, diz o diretor, é de aumento da taxa de alimentação das usinas e de expressiva melhoria na recuperação das plantas.

MINERAÇÃO CARAÍBA

Manoel Valério de Brito, diretor de operações da Mineração Caraíba, destaca dois resultados positivos alcançados no ano. Um deles é que a produtora de cobre cumpriu e superou as expectativas de seu controlador - o grupo canadense Ero Copper – no que se refere às metas de produção. Em 2019, serão

produzidas quase 42 mil toneladas de concentrado de cobre contra uma estimativa de 39 mil toneladas. Na verdade, diz Brito, o volume integra uma curva em ascensão desde 2017, quando a mina Morro do Pilar, subterrânea, foi reativada após um ano de paralisação por ter sido inundada em 2016. A produção inicial da planta foi de 20 mil toneladas, subindo para 30 mil toneladas em 2018.

Além do aumento da produção, outro destaque é a pesquisa mineral realizada no entorno da mina, na região do Vale do Curaçá, que se estende por três municípios. Esse trabalho conta com investimentos de US\$ 20 milhões/ano e tem aumentado os recursos e reservas minerais e prolongado a vida útil da mina. “Com os recursos já medidos, conseguimos estender a operação entre 6 e 8 anos. Considerando o potencial dessa região e a continuidade dos investimentos atuais, acredito que, dentro de 2 ou 3 anos, possamos falar de um horizonte entre 10 e 15 anos de vida útil”, avalia Brito. O minério proveniente dos novos alvos de pesquisa também serve à gradual elevação da taxa de utilização da planta de beneficiamento da Caraíba, atualmente em torno de 65%. Mesmo sem operar em plena capacidade, uma expansão de 20% da planta foi iniciada neste ano, com investimentos de cerca de US\$ 70 milhões para a aquisição de um novo moinho vertical e melhorias de eficiência, já preparando a instalação para um futuro aumento de produção da mina. Por ano, a Caraíba tem investimentos de R\$ 300 milhões, distribuídos igualmente entre as áreas de exploração mineral, desenvolvimento de mina e beneficiamento. Eles devem ser mantidos em 2020, quando também continuará a busca por maior produtividade, focada no aumento da eficiência operacional e redução de custos.

USIMINAS

“A Mineração Usiminas (Musa) teve um desempenho muito positivo em termos de produção e resultados, dentro de um cenário bastante desafiador para o setor mineral em 2019”, considera o diretor executivo da empresa, Carlos Rezzonico. A empresa reativou a planta Samambaia, após cinco anos de paralisação, somando sua produção à das plantas Oeste e Flotação. Também aumentou a renovação de sua frota com a aquisição de seis caminhões off road 777G Caterpillar e de seis caminhões rodoviários. Em 2018, já haviam sido compradas carregadeiras e escavadeiras, sempre visando o aumento da produtividade e, principalmente, de segurança nas operações. Outro destaque foram as novas contratações: no final de outubro, a mineradora somava 2.300 empregados próprios e terceiros, 50% a mais em relação ao ano anterior.

Com o mesmo objetivo de elevar o nível de segurança, também foram descaracterizadas as barragens a montante Somisa e Central e iniciados os estudos para a descaracterização de Samambaia, a jusante, única estrutura em operação hoje. Apenas na barragem Central foram investidos cerca de R\$ 25 milhões. “Embora todas as barragens da Musa tenham declarações de estabilidade atestadas por auditorias externas, nosso compromisso é eliminar o seu uso. Isso será possível com o início do Dry Stacking, que fará a filtragem e o empilhamento a seco dos rejeitos”, explica Rezzonico. O projeto aguarda a Licença Ambiental e deve ser iniciado em 2020. Enquanto isso, a Musa mantém uma equipe de apoio, com veículos e materiais adaptados, na zona de autossalvamento de Samambaia, para atender a eventuais emergências e, em 2019, realizou um simulado de evacuação com as comunidades próximas da operação. Também em 2020 deve ser reativada a planta Leste, iniciada a operação de peneiramento de alta frequência e continuados os estudos para a implantação do projeto Compactos, que aumentará a vida útil das minas. Serão mantidos, ainda, os investimentos em logística e segurança, além dos cerca de R\$ 180 milhões já reservados para o projeto Dry Stacking.

ANM

“Apesar de ter começado realmente muito mal, com o evento gravíssimo de Brumadinho abrindo o calendário, o desempenho do setor mineral foi, de certa forma, satisfatório, apresentando uma boa recuperação”. A avaliação é de Eduardo Leão, diretor da Agência Nacional de Mineração (ANM). Para ele, em seu primeiro ano de atuação efetiva, o órgão registrou vários avanços: a implantação do protocolo digital, que deu celeridade e reduziu os custos de análise dos processos minerários; a publicação da Agenda Regulatória; a capacitação e o processo seletivo de pessoal e o primeiro edital, desde 2016, para o leilão de

500 áreas em disponibilidade. “Ao todo, a ANM possui 20 mil áreas em disponibilidade, que precisam voltar para o setor mineral para dinamizar a economia nacional e gerar novos produtos”, diz o diretor.

Entre os gargalos ainda existentes, Leão cita a regulação do setor. Segundo ele, há mais de dez Projetos de Lei tramitando nas duas casas do Congresso, propondo várias alterações na legislação atual. “Essa situação cria expectativa e frustração no mercado, principalmente internacional, trazendo insegurança jurídica para a atividade”, explica. Dois outros problemas são a escassez de recursos financeiros e humanos da agência. Embora tenha direito a 7% da CFEM recolhida (cerca de R\$ 300 milhões), a ANM recebe apenas entre 1,5% e 2% (R\$ 45 a R\$ 60 milhões), quase sempre em contingenciamento. Segundo o diretor, só para digitalizar os 190 mil processos hoje existentes seriam necessários R\$ 23 milhões. No caso dos recursos humanos, sua redução é crescente devido ao alto índice de aposentadorias: hoje, há 790 funcionários contra 850 no início do ano. A falta desses recursos inviabiliza uma estruturação condizente com as novas atribuições do órgão e prejudica a análise de processos e as atividades de fiscalização. Para 2020, um dos objetivos é cumprir a pauta de prioridades definida na Agenda Regulatória, como a modificação, simplificação e automação do fluxo de processos, com o uso de tecnologias digitais. Também estão previstos novos leilões de áreas em disponibilidade para impulsionar a pesquisa e lavra no país. “O próximo ano é muito mais promissor que este, não só em resultados melhores para o setor mineral, com em sua contribuição para a geração de mais empregos e riquezas para a sociedade”, estima o diretor.

CPRM

Esteves Pedro Colnago, diretor-presidente do Serviço Geológico do Brasil (CPRM), avalia que apesar de 2019 não ter começado bem para a mineração brasileira com a tragédia de Brumadinho (MG), o setor superou a crise mais unido e consciente de sua responsabilidade em promover o aproveitamento dos recursos minerais de maneira cada vez mais sustentável. No ano, a empresa desenvolveu várias ações nas áreas de geologia e recursos minerais para incentivar novos investimentos no setor. Uma delas foi o lançamento de produtos, como o do projeto em Áreas de Relevante Interesse Mineral, que geraram novos dados em áreas com grande potencial para mineração no país. Outra foi o leilão de ativos minerais da CPRM, iniciado com o complexo polimetálico de Palmeirópolis (TO), que deve trazer investimentos de R\$ 255 milhões e gerar 2.500 empregos na região. Para o executivo, um dos maiores gargalos para o desenvolvimento da mineração brasileira, nesta década, foi a incerteza jurídica resultante da indefinição de um marco legal para a atividade. Segundo ele, esse problema está sendo superado pela excelente condução do Ministério de Minas e Energia (MME), através de um diálogo franco e transparente com o setor. Há também a necessidade de mais investimentos em geologia básica e aerogeofísica para aumentar o grau de conhecimento geológico do Brasil, inferior ao de países mineradores como a Austrália e o Canadá.

Em 2020, a CPRM fará novos leilões para áreas de cobre em Bom Jardim (GO), caulim em Rio Capim (PA), carvão em Candiota (RS) e fostato em Miriri (PB/PE). Prosseguem, ainda, as ações de integração geológica e detalhamento em províncias minerais e para a descoberta de novos depósitos de minerais estratégicos, como cobalto, lítio, terras raras, grafita e agrominerais. Acordos de cooperação firmados com a Petrobras e a ANP (Agência Nacional de Petróleo) vão possibilitar a revitalização do Museu de Ciências da Terra, no Rio de Janeiro, e de seus laboratórios associados, e a criação do Centro de Referência em Geociências. O convênio também irá viabilizar a Rede SGB de PD&I, nas unidades Norte, Nordeste e Sudeste, para receber, armazenar e gerir o acervo de testemunhos de sondagem e amostras de rochas de bacias petrolíferas, hoje sob a guarda da Petrobras. “Essa parceria dá uma nova dimensão ao Serviço Geológico do Brasil e vai impulsionar pesquisas inovadoras nos setores de mineração, petróleo e gás, ampliando o conhecimento geológico das bacias sedimentares brasileiras”, considera Colnago.

CBPM

Antonio Carlos Tramm, presidente da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM), considera que a mineração brasileira ainda vive uma “ressaca” dos acontecimentos com as barragens de Mariana e Brumadinho (MG). “Essas lamentáveis ocorrências impactaram negativamente o setor, manchando sua reputação de agente responsável com largos investimentos no desenvolvimento econômico”, explica. Ainda

assim, ele avalia que tem havido um esforço sério por parte de empresas e governos para evitar a repetição dessas tragédias. "O caminho é um só: avançar e seguir adiante, progredindo nas escalas produtivas e nos compromissos da sustentabilidade", conclui. Como principais realizações da CBPM neste ano, Tramm destaca o primeiro passo para a criação de um Hub de Mineração na Bahia, com a realização do I Fórum Internacional de Inovação e Sustentabilidade na Mineração, que contou com a presença de representantes do MME e da ANM, de outros órgãos de governo, empresas privadas e profissionais da área de inovação e startups. O executivo citou, ainda, dois contratos de exploração mineral fechados com empresas privadas: um para pesquisa de fosfato, chumbo e zinco em Irecê e Lapão, no centro-oeste do estado, e outro para pesquisa de ouro em Iramaia, na região da Chapada Diamantina. "Esses acordos trarão investimentos de R\$ 8 milhões, no mínimo, em pesquisas complementares, com possibilidades de geração de empregos e renda para os municípios", diz. Ainda em dezembro, haverá uma terceira concorrência para minério de ferro em Ibipitanga.

Além dos gargalos já clássicos - lentidão nos pronunciamentos dos agentes reguladores (ANM e órgãos de licenciamento ambiental e de outorgas hídricas) -, o executivo acrescenta outros entraves para o desenvolvimento do setor mineral brasileiro. Entre eles, a Inexistência de financiamento ou de fontes de captação de capital de risco para a pesquisa mineral e os conflitos com garimpeiros, Movimento dos Sem Terra e tribos indígenas. "São problemas que só podem ser resolvidos com a intermediação e liderança do Estado, na instância Federal, Estadual ou Municipal, considerando o marco da legalidade e legitimidade dos títulos outorgados. Garimpeiros e suas cooperativas devem respeitar os limites das respectivas Portarias de Lavra Garimpeira e das áreas outorgadas a terceiros, ou sua atuação será clandestina", avalia.

Em 2020, a meta é assinar novos contratos de pesquisa complementar e promessa de arrendamento para os projetos Caboclo dos Mangueiros (Ni-Cu-Co), Umburanas (Ouro) e Sulfetos do Greenstone Belt de Mundo Novo (Zn-Pb-Cu+Ouro), que serão licitados ao longo do ano. Também há a expectativa de avanço das obras da Fiol - Ferrovia de Integração Oeste Leste - e da instalação do Porto Sul, no litoral norte de Ilhéus. "Essa infraestrutura ferroportuária vai impactar positivamente a economia de nosso estado. A escala inicial para a produção de minério de ferro aqui é da ordem de 40 Mt e deve triplicar o valor atual da produção mineral baiana comercializada", estima Tramm.

IBRAM

"O ano de 2019 foi impactante para todos os executivos e profissionais da mineração, em razão do rompimento da barragem em Brumadinho (MG), que causou a perda de vidas e repercussões ambientais e socioeconômicas negativas", analisa Flávio Ottoni Penido, diretor-presidente do IBRAM (Instituto Brasileiro da Mineração). Ainda assim, segundo ele, os investimentos no setor, de US\$ 27,5 milhões, previstos para o período de 2019 a 2024, estão mantidos. A mineração também criou 7 mil postos de trabalho diretos, somando 199 mil empregos contra 192 mil em 2018 e há a projeção de um aumento de US\$ 4 bilhões do Valor da Produção Mineral Brasileira no ano, totalizando US\$ 38 bilhões. De seu lado, o IBRAM atuou em vários níveis para unir o setor mineral em ações que demonstrassem, à sociedade e autoridades, seu compromisso com o aperfeiçoamento dos processos produtivos, maior transparência e adoção crescente de padrões internacionais de sustentabilidade. A entidade também buscou assegurar, junto às autoridades públicas, um ambiente de segurança jurídica e de previsibilidade de negócios para a indústria mineral. Em novembro, seu estatuto e regimento interno foram alterados para reforçar sua estrutura de governança e ampliar a participação de mineradoras em seu Conselho Diretor e em novos comitês técnicos e setoriais. As iniciativas de inovação e tecnologia foram expandidas através do Mining Hub e o relacionamento com municípios mineradores, órgãos federais e estaduais e profissionais e especialistas de áreas relacionadas à mineração foi ampliado. No ano, ainda, foi lançado o Guia de Boas Práticas em Gestão de Barragens e Estruturas de Disposição de Rejeitos, entre outras realizações.

Para Penido, a lista de entraves ao setor inclui constantes abalos à sua segurança jurídica, a complexidade e demora na liberação do licenciamento ambiental e de barragens, legislações restritivas, acesso limitado a recursos hídricos, conhecimento geológico insuficiente; deficiências de infraestrutura e logística, além da falta de políticas públicas e estímulos para investimento em tecnologia e inovação, retenção de talentos e capacitação da mão de obra especializada. Um avanço, diz, foi a criação da ANM (Agência Nacional de Mineração), embora ainda lhe faltem recursos financeiros e humanos.

Em 2020, além da continuidade das ações em curso, o IBRAM já estrutura dois eventos setoriais: o Congresso Internacional de Direito Minerário (DIRMIN), que será realizado em Brasília (DF), em abril, e a EXPOSIBRAM 2020, em Belém (PA), no mês de agosto.

ADIMB

Em 2019, segundo Roberto Perez Xavier, diretor executivo da Agência para o Desenvolvimento Tecnológico da Indústria Mineral Brasileira (ADIMB), investimentos graduais, mas importantes, ocorreram na prospecção mineral, para a descoberta de novos depósitos ou ampliação de reservas em províncias minerais ou distritos mineiros tradicionais do país. “Sob essa ótica, o desempenho do setor mineral brasileiro, neste ano, foi positivo comparado a 2018, mesmo considerando as adversidades internas, como o acidente de Brumadinho (MG), e externas, com a flutuação dos preços das commodities em função de conflitos comerciais globais”, explica. No ano, a empresa ofereceu oito cursos no âmbito de seu programa de aperfeiçoamento em exploração mineral. Também coordenou a delegação brasileira no PDAC (Prospectors and Developers Association of Canada), maior e mais importante evento internacional de prospecção mineral, e organizou o Fórum ADIMB de Exploração Mineral e o 1º Workshop de Segurança, Saúde e Meio Ambiente na Exploração Mineral. Outro destaque foi o lançamento de um edital para seleção de projetos de pesquisa científica, tecnológica, inovação e capacitação de recursos humanos aplicados à exploração mineral no Brasil. A iniciativa teve dez projetos inscritos por professores e pesquisadores acadêmicos, dos quais quatro serão selecionados para obter recursos da ordem de R\$ 200 mil, durante dois anos, para seu desenvolvimento. Em relação às dificuldades para um melhor desempenho do setor mineral brasileiro na área de pesquisa, onde a ADIMB tem maior atuação, Xavier destaca o conhecimento ainda muito reduzido do contexto geológico e da evolução de províncias minerais no Brasil. Para ele, é necessário aumentar a interação entre a academia e as empresas de pesquisa mineral para que, em conjunto, definam estratégias para um melhor direcionamento às pesquisas acadêmicas, criando soluções viáveis e de maior impacto na avaliação mais eficiente do potencial mineral de uma região e para descoberta de novos depósitos.

Em 2020, a ADIMB irá coordenar novamente a delegação brasileira no PDAC, em março, e realizar o IX Simpósio de Exploração Mineral, em Ouro Preto (MG), em maio. Terão continuidade os cursos de capacitação profissional em pesquisa mineral, minerais estratégicos e relacionados à segurança ou emergência na exploração mineral. A entidade quer, ainda, capitalizar e implementar os projetos selecionados no edital de 2019 e retomar as expedições geológicas de visita no Brasil e no mundo. Já há um início de negociação com o Serviço Geológico da Finlândia (GTK) para um programa bilateral de visitas nos dois países, a partir do segundo semestre de 2020.

Fonte: In The Mine

Autor: Tébis Oliveira

Data: Edição 82 Novembro | Dezembro